

CÓDIGOS MORAIS E OS ANIMAIS¹

*Edna Cardozo Dias**

RESUMO: O presente artigo é constituído de excertos do livro “Tutela jurídica dos animais” publicado no ano de 2000 de autoria de Edna Cardozo Dias. Aqui será abordado, de maneira mais criteriosa e objetiva, a visão que parte significativa das doutrinas religiosas mais influentes da nossa sociedade, em todos os tempos, desde as mais antigas como Budismo, Cristianismo até as mais atuais como o Espiritismo, tem em relação à questão dos animais não-humanos e, a partir disso, desenvolver uma análise dos reflexos que tais ideologias legaram à atual situação dos animais não pertencentes à nossa espécie.

PALAVRAS-CHAVES: Animais; Religião; Moral.

ABSTRACT: This article consists of excerpts from the book “Legal Custody of Animals” published in 2000 written by Edna Cardozo Dias. Here will be addressed, more rigorous and objective, the vision that a significant proportion of the most influential religious doctrines of our society, at all times, from the oldest as Buddhism, Christianity to the most current and Spiritualism, is in relation to issue of non-human animals and, as appropriate, develop an analysis of the consequences that such ideologies bequeathed to the current situation in animals not belonging to our species.

KEYWORDS: Animals, Religion, Morality.

SUMÁRIO: 1. A Terra, nossa mãe; 2. Povos primitivos e o Xamanismo; 3. Sacralização dos animais no Egito; 4. O animal no Hinduísmo; 5. O animal no Budismo; 6. O animal no Cristianismo; 7. O animal no Islamismo; 8. A alma animal e o Espiritismo; 9. Referências.

* Doutora em Direito pela UFMG, professora de Direito Ambiental, Presidente da Liga de Prevenção da Crueldade contra o Animal.

1. A terra, nossa mãe

As religiões ancestrais visualizavam o universo como uma grande mãe. As grandes deusas representavam a Terra Mãe ou o princípio gerador da vida. A capacidade de conceber uma nova vida humana, dar à luz, produzir leite e sangrar com as fases da lua, inspirava temor e reverência. Só ela tinha poder de produzir e nutrir a vida. Sem ela a nova vida extinguir-se-ia.

Na Babilônia a grande deusa é Ishtar, a mãe de Tamuz. Astarte é adorada pelos hebreus, fenícios e cananeus, de acordo com a liturgia. No Egito temos Isis. Na Frígia temos Cibele, posteriormente identificada com as deusas Rea, Gea, Deméter, e com suas equivalentes romanas, Tellus, Ceres e Maia. Porém, a mais famosa é Ártemis, conhecida pelos romanos como Diana, deusa da caça e da lua.

O culto à Grande Mãe era a religião mais difundida nas sociedades primitivas.

Supõe-se que a domesticação de plantas e de animais, primeiro passo para a construção de sociedades humanas complexas, tenha implicado na fragmentação da visão sacralizada da natureza.

O aumento da população levou o ser humano a “domesticar” e o nomadismo trouxe vantagem ao homem. Com a descoberta da ligação entre o ato sexual e a fecundação, inciou-se um verdadeiro culto ao falo e que resultou na origem do patriarcado e a desacralização da natureza..

Com a irrupção do monoteísmo hebraico e seu desdobramento no cristianismo e no islamismo, foi dado o passo inicial para a desacralização da natureza e sua concepção como uma grande mãe.

No mundo místico a energia feminina do universo é representada pelos Andes, , enquanto a energia masculina é representada pelos Himalaias. , pólos negativo e positivo do planeta e regiões de grandes forças magnéticas. Esta energia feminina tocou tão profundamente os habitantes dos Andes, que este povo

(os Incas) identificou nossa Terra, como Pachamama, a mãe de toda vida, a divindade excelsa do mundo, aquela que nos ensina a amar tudo incondicionalmente, e nos mostra o trabalho como uma altíssima virtude, porque amando tudo e construindo com o trabalho nos tornamos sábios.

Mircea Eliade, um dos maiores pensadores de nossa época e um especialista em estudo comparado das religiões, mostrou em “O sagrado e o profano”, que os povos chamados de primitivos pelos evolucionistas, sacralizavam todos os aspectos da realidade: tempo, o espaço, a natureza não – humana, as sociedades humanas e o próprio indivíduo. Para eles a natureza era uma entidade constituída por seres organicamente ligados entre si e impregnados por partículas de divindade única (panteísmo), ou que tinham alma (animismo) ou ainda habitada por divindades (politeísmo).²

2. Povos primitivos e o xamanismo

Xamanismo é um nome genérico de origem siberiana para designar as práticas dos curadores e feiticeiros das culturas arcaicas – é uma das áreas que tem merecido a atenção de pesquisadores modernos de diversas áreas. O xamanismo é um fenômeno cultural, social e espiritual extremamente arcaico. As mais antigas manifestações xamânicas datam da era paleolítica (os rituais de caça nas pinturas). Ele sobrevive quase sem alterações na Ásia, Oceania, no Ártico (esquimós) e principalmente na África e nas Américas.

O animal sempre teve um papel crucial no xamanismo. No plano inicial arcaico o animal e o ser humano não se diferenciavam, eram como uma única entidade. Isto pode ser constatado através de pinturas rupestres como as da caverna Très Frères, na França (25.000 aC.) Nesse local pode-se ver um xamã vestido com a pele e a cabeça de um cervo, a cauda do animal passando-lhe entre as pernas. As inúmeras representações da grande

Deusa, Senhora dos animais e a lenda do primeiro xamã, vem selar essa comunhão entre o homem e o animal.

O culto à Grande Deusa é muito anterior à escrita e encontramos pinturas rupestres que mostram bisões, cavalos, ursos, veados e dezenas de outros animais. São centrais nos rituais de caça expressando agradecimento aos animais sagrados que constituem poderosa fonte de vida, a própria energia vital de quem o ingere. Nesse estágio eram freqüentes também representações da Grande Deusa como Senhora dos animais (com seus animais sagrados), como Deusa mãe coruja, ou como Madona com seu filho ao colo.

Acreditava-se que a mulher engravidava do sangue da menstruação. Por isto sempre se ofereciam sacrifícios de sangue à mãe Terra para pedir abundância de alimentos. Até que milhões de anos depois se trocou o sacrifício de sangue pelo auto sacrifício (a culpa).

Na Grécia arcaica, a imagem da Grande Mãe animal alimentava o pequeno Zeus como cobra, porca ou vaca. Réia – Cibele, para os romanos, é representada assentada num trono e ladeada de animais.

Os buriates e iacutes da Sibéria nos contam a lenda do surgimento do primeiro xamã, que teria sido gerado pela águia (símbolo da consciência) e por uma mulher (identificada à liberdade). Portanto, desde o início o xamã é um misto de divino, de humano e de animal.

O poder dos xamãs relaciona-se diretamente com seus totens, ou em outras palavras, seus aliados animais. Para um xamã um homem não é melhor e nem mais consciente do que um animal. O xamã oferece ao espírito do animal respeito e devoção, enquanto o animal oferece orientação e assistência. Os animais, assim como as pedras, para os xamãs tem espíritos poderosos, cada qual com seus próprios talentos, e tem a qualificação de ajudar as pessoas nas tarefas específicas. Um dos principais dons oferecidos pelo poder dos animais ao xamã em suas tarefas é a proteção e tutela. Eles costumam descobrir seus animais de

poder permitindo que aflorem durante uma dança espontânea ou tendo uma visão do animal.

Para os xamãs, as crises do mundo de hoje não são surpresa. São o resultado do desequilíbrio causado pela falta de respeito, e este desequilíbrio em última análise acarreta a perda de poder para um xamã.

Os xamãs ensinam que à medida que uma pessoa for aprendendo a se comunicar com as pedras e os animais, deve ter em mente que o segredo do sucesso é o respeito. Para ter sucesso é preciso cooperar com o meio ambiente.

Para os xamãs andinos deste fim de século, desde 1992 se iniciou uma nova era para o mundo, com a chegada do décimo Pachakuti. Pachakuti significa “ o que transforma a Terra”. Ele anuncia o início de uma nova era de transição e mudança. E se caracteriza, sobretudo, pela presença da Mãe. E, ainda segundo os Incas, isto não quer dizer que a mulher dominará o mundo, mas que o homem tomará cada vez mais consciência da necessidade de fazer brotar o sentimento de mãe em seu coração. Pois, na verdade, o homem não precisaria de outra lei que não seja o amor, já que ele nos dá a consciência da reciprocidade e do serviço, que devem ser o vício do ser.

3. Sacralização dos animais no egito

Embora a mais antiga tentativa de se construir um monoteísmo seja atribuída ao Faraó Akenaton, no século XIV ^aC., que como resultado da fusão dos deuses Ra e Amon, ambos representados pelo sol, tentou impor o deus Ato, o hino a Ato, composto pôr ele, não deixa dúvidas de que era ecumênico e nutria grande amor pela natureza:

Todo mundo faz sua tarefa/ Todos os animais estão satisfeitos com suas pastagens;/ Árvores e plantas florescem./ Os pássaros que voam de seus ninhos/ Têm suas asas abertas em louvor ao seu Ka. / Todos os animais saltam sobre seus pés./ Tudo que voa e brilha,/ Vive quando surgiste para eles./ Os navios viajam para o norte e para o sul, / Pois

todo o caminho se abre à tua presença./ O peixe no rio lança-se perante tua face;/ Teus raios estão no meio do grande oceano verde. / Como são múltiplas as coisas que fizeste!/ Estão oculta da face do homem./ Ó Deus único, nenhum outro se te iguala!/ Tu próprio criaste o mundo de acordo com tua vontade,/ Enquanto ainda estavas só:/ todos os homens, gado e animais selvagens,/ tudo que na terra caminha sobre suas próprias asas.³

Na civilização egípcia encontramos afrescos tratando da caça no Nilo e da alimentação de animais em granjas. Entre os integrantes da civilização egípcia, a tauromaquia era divertimento comum, ainda que praticado de maneira que era mais perigosa para o homem que para o touro.

Mas, é no próprio Egito que encontramos a sacralização de animais como ocorreu com o gato. No Egito o gato era considerado um animal sagrado, que recebia após a morte curiosas homenagens. Um templo foi erigido para a deusa – gata Batest. Ela era representada com o corpo de mulher e cabeça de gata, e sustentava em uma das mãos o instrumento musical das bailarinas e no outro a cabeça da leoa, o que significava que a qualquer tempo poderia se metamorfosear numa das três deusas leoas - Sekmet, Pekhet e Tefnut. . A lei era muito severa com aqueles que atentavam contra os gatos. Os gatos mortos eram embalsamados e oferecidos a Batest. Cemitérios de gatos foram encontrados por arqueólogos em suas escavações no Egito.

O templo de Batest foi descrito pelo historiador grego Herodoto, que viajou para o Egito no ano 450 a.C. Este luxuoso templo situava-se na cidade de Bubasti, numa ilha cercada pelos canais do Nilo.

Alguns atribuem esta valorização do gato pelo fato dele ter exercido o papel de guardião dos celeiros no Egito. Outros buscam razões mais profundas, atribuindo ao gato o poder de exorcizar o ambiente. Os templos egípcios eram guardados por gatos, a quem os sensitivos atribuem poderes paranormais, que deveriam ser conhecidos dos sacerdotes egípcios, grandes conhecedores das leis da física e da arte da magia.

Os egípcios acreditavam que os deuses podiam habitar o corpo das imagens quando quisessem, e se ocupavam da vida sobre a terra. Muitos deuses eram representados com corpos de homens e cabeça de animais demonstrando a união entre o divino e o humano. Em Edfu está o templo de Hórus, que é uma divindade celestial e solar, representado com a cabeça de falcão, e os olhos, metaforicamente, como o sol e a lua. Seus olhos representam, ainda, o Vatchat, o olho que tudo vê, demonstração de alta espiritualidade e visão. Outros deuses com cabeça de animais são lá representados como Thot, com cabeça de ibis, deus abençoado pelos seus poderes de profecia, interpretação, filosofia.

Maat, deusa da justiça, é representada por uma mulher com uma pena de avestruz na cabeça, e significa o respeito às leis e às individualidades, e tem um papel marcante no juízo final, segundo o *Livro dos mortos*, usando sua pena para pesar as almas dos que chegassem ao salão de julgamento subterrâneo. O julgamento era feito diante de outros deuses animais como Thot (deus da escrita e do tempo, quem domina o tempo domina tudo, inclusive as ciências e o desenrolar dos destinos) e Anúbis (deus com cabeça de cão, filho de Osíris com Neftis, condutor dos mortos pelo deserto e deus dos embalsamentos e protetor dos túmulos). Se o coração estivesse pesado era entregue à deusa Ahemait, cabeça de hipopótamo, para devorá-lo.

A descoberta do “Livro dos Mortos” revela elementos que aproximam o ordenamento ético-jurídico do Antigo Egito da moral e do Direito. Dele constam diversas regras que impõe o respeito a tudo que vive:

Assim que alcançar a salvação, o homem, chegando à presença das divindades, deverá referir-lhes que não causou sofrimento a outros, não usou de violência para com os familiares, não substituiu a justiça pela injustiça ... não causou fome, não matou...não praticou pecados contra a natureza com outros homens (El Libro de los Muertos, ed. Cast. Barcelona, 1989, p. 147-151).

4. O animal no hinduísmo

Na Índia os animais são considerados sagrados e o hinduísmo adota a idéia de um panenteísmo (Deus está em tudo), diferente de panteísmo (Deus é tudo).

Não eram mais primitivos os que adoravam o sol do que os que acreditaram encontrá-lo em um ídolo de pedra ou de ouro. Não eram mais errados os que buscaram a Deus zoolatricamente e adoraram a rã, por seu sentido de fecundação, a cobra que tem o veneno, a vida e consegue seu corpo em círculo, que é em si o mandala infinito do universo. Não estão mais errados os que adoraram a pantera negra, o lobo ou o elefante branco, do que aqueles que o humanizaram reverenciando os avatares, os profetas e os santos. Deus está em toda parte, em todas as formas, porque é o espírito da Terra e a única energia que nasce do nada na ausência do todo, sendo em si a vida.⁴

O Código Védico, da Índia, fundamenta-se na unidade da vida. Para o hinduísmo a única diferença que existe entre os animais e o ser humano é o grau de evolução. Os avatares, encarnações de deuses, apresentam-se em formas de animais: *matsya*, ou peixe, *kurma*, ou tartaruga, *vararha*, ou javali, *narasimha*, ou homem-leão, *vamana*, ou anão. Lord Ganesha está associado ao elefante, Shiva à serpente, Durga ao Leão, Sarasvati ao pavão, e assim por diante. Muitos animais são sagrados, como a vaca. O Código Védico adverte que quem matar e comer uma vaca renascerá como vaca e será morto quantas vezes quantos são os pêlos do animal morto. Em sua visão cósmica, o hinduísmo se apresenta como um caminho de salvação não só para os seres humanos mas para todos os seres vivos.

Bhagavad-Gitã, outro livro sagrado dos hindus, contém 250 mil versos, que descrevem a grande guerra entre os Kurus e os Pândavas pela posse de Hastinapu (uma simbologia da batalha entre o bem e o mal). Nele Krishna dialoga com Arjuna e se apresenta como o pai que dá a semente — a vida que vive em tudo.

O Código Védico, *Manu-samhitã*, prega que quem mata alguém terá de ser morto. De forma semelhante, existem outras

leis que ditam que uma pessoa não pode matar nem sequer uma formiga sem ser responsabilizada por isso. Como não podemos criar não temos o direito de matar nenhuma entidade viva. Por conseguinte, as leis feitas pelos homens que distinguem entre matar um homem ou um animal são imperfeitas. Segundo as leis de Deus, matar um animal é tão condenável quanto matar um homem.

O livro do *Dharma*, que encerra um conjunto de leis morais, diz que não basta evitar o mal para se fugir do *samsara* (a lei da ação e reação); é preciso um ativismo espiritual contido na doçura, na generosidade, na ausência de mentira. O mérito é produto do empenho total do homem com os semelhantes e com todas as criaturas. Diz o livro de *Manu*, que aquele que não pratica a violência contra outro ser acumula méritos.

Ainda na Índia, constitui-se, no século VI a.C., juntamente com o budismo, a tradição jainista, fundada por Mahavira Vardhamana. Os membros do movimento jainista, ao qual pertencia Gandhi, pautam sua vida na não violência, são vegetarianos e reverenciam a natureza ao extremo. Em seu juramento renunciam à destruição de seres vivos:

Renuncio a toda destruição de seres vivos, sejam sutis ou grosseiros, andem ou estejam parados. Não matarei eu mesmo seres vivos, nem induzirei outros a isso, nem consentirei em tais atos. Enquanto viver, confessarei e me culparei, arrependerei e me isentarei desses pecados de moto três vezes tríplice, ou seja, atuando, comandando, consentindo, no passado, no presente e no futuro, em mente, em corpo e palavra.⁵

São vários os santuários do jainismo, onde animais injuriados podem ser tratados. No povoado de Deshnoke, no templo Karni Mata, os ratos passeiam livremente enquanto os devotos oram. Os sacerdotes do templo e os ratos comem nas mesmas tigelas e bebem água no mesmo lugar. Os sacerdotes dizem que os ratos são mensageiros dos deuses e que os sacerdotes do templo, ao morrerem, alcançarão a libertação, nascendo como ratos. Os ratos, ao morrerem, renascerão como sacerdotes.

À luz do Bhagavad-gitã (16.1.3) *ahimsã*, ou não violência, significa não impedir a vida progressiva de qualquer ser. Os animais também estão progredindo em sua vida evolutiva, transmigrando de uma categoria de vida animal para outra. O fundamento mais amplo da idéia de *ahimsã* é o de que todas as criaturas têm uma identidade entre si, como forma de uma única realidade divina e cósmica. Neste sentido, qualquer violência praticada contra qualquer criatura rompe a unidade.

5. O animal no budismo

No século VI A.C., o budismo, baseado nos ensinamentos de Sidarta Gautama, príncipe hindu que viveu no século VI a.C., e tornou-se conhecido como Buda, o iluminado, já pregava a compaixão e a misericórdia por todos os seres vivos. Buda ordenava que se alimentasse no coração uma benevolência sem limites para com tudo que vive. Ele dizia que praticava a benevolência com a finalidade de contribuir para a felicidade de todos os seres.

Os cinco preceitos fundamentais do budismo são: não matar ou ferir ente algum, não se entregar à luxúria, não mentir, não roubar e não se intoxicar com bebidas entorpecentes. Buda sempre dizia que se deve alimentar no coração uma benevolência sem limites para com tudo que vive e que todos os seres buscam a felicidade própria. Aquele que maltratar pela violência buscando a própria felicidade não gozará depois da morte. Eis um trecho do Pitakas, quando Buda dialogava com Kutanga, prior dos brâmanes, quando este indagou ao iluminado porque este menosprezava os ritos religiosos e os sacrifícios:

O sacrifício da personalidade vale muitíssimo mais do que a imolação das reses. Quem sacrifica aos deuses seus maus desejos e vis paixões compreende a inutilidade de banhar em sangue de animais inocentes as aras do altar [...] qualquer pessoa pode tirar a vida, mas é incapaz de dar. Todas as criaturas amam a vida e lutam por ela. A vida é uma dádiva divina, querida e grata para todos, mesmo para os mais

humildes; por isto deve ser respeitada por todo homem piedoso, porque a piedade torna o homem terno com os fracos e nobre com os fortes. O homem implora a misericórdia dos deuses e não tem misericórdia para com os animais, para os quais ele é como um deus. Tudo quanto vive está unido por laços de parentesco, e os animais que matais já vos deram o doce tributo do leite, o macio de sua lã, e depositaram confiança nas mãos dos que os degolam. Ninguém pode purificar seu espírito com sangue, pois se os deuses são bons, não lhes pode ser agradável o sangue, e se são maus, este não basta para suborná-los. Sobre a inocente cabeça de um animal não é possível colocar o peso de um só fio de cabelo das maldades e erros pelos quais cada um deve responder pessoalmente, porque cada qual deve prestar contas de si mesmo, segundo a imutável aritmética do universo. Esta distribuí o bem para o bem e o mal para o mal, dando a cada um sua medida segundo suas ações, palavras e pensamentos, e vigilante, exata, imutável, faz que o futuro seja fruto do passado [...] Feliz seria a terra se todos os seres estivessem unidos pelos laços da benevolência e só se alimentassem de alimentos puros, sem derrame de sangue. Os dourados grãos que nascem para todos dariam para alimentar e dar fartura ao mundo.⁶

A essência dos ensinamentos de Buda está escrita em três livros, chamados *Cânones Budistas Tripatakas*, que foram escritos por seus discípulos. As várias sutras budistas dão ênfase à visão cósmica do universo, o que se constata na Sutra do Diamante, na qual Buda conversa com seu discípulo Subhuti:

Eu devo guiar todos os seres vivos, os que nascem de ovos, os que nascem do ventre materno, os que nascem espontaneamente, os que têm forma e os que não têm forma, os que têm capacidade de abstrair e os que não têm capacidade de abstrair, e todos os seres vivos imagináveis, enfim, para o estado de tranquilidade eterna e sem sofrimento.⁷

6. O animal no cristianismo

Dois mil anos se passaram desde que um homem chamado Jesus ensinou uma lei à civilização do Ocidente, que dispunha sobre a proteção da Mãe Terra e dos animais. Foram encontra-

dos alguns manuscritos datados do século III d.C nos arquivos secretos do Vaticano, em aramaico, e nos Arquivos Reais dos Habsburgos, em esloveno, contendo ensinamento dos essênios. Foram traduzidos e publicados, em 1928, por Edmond Bordeaux Szekely, com o título O Evangelho essênio da paz. O autor fez doutorado em filosofia na Universidade de Paris e obteve outros diplomas nas universidades de Viena e Leipzig. Também foi professor de filosofia e psicologia experimental na Universidade de Cluj, uma das principais cidades da Transilvânia. O livro fala da lei que governa o jardim da irmandade e do dever de se proteger os animais:

Disse Jesus: 'Honra teu Pai Celestial e tua Mãe Terrena, e obedece às suas ordens, para que os teus dias sejam longos sobre a terra.' E logo em seguida foi dada esta ordem: 'Não matarás, pois a vida é dada a todos por Deus, e o que é dado por Deus homem nenhum pode tirar. Pois em verdade vos digo, de uma Mãe procede tudo o que vive sobre a terra. Portanto, quem mata, mata seu irmão. E a Mãe Terrena o deixará, e lhe negará os seus seios vivificantes. E ele será evitado pelos seus anjos, e Satanás fará sua habitação no corpo dele. E a carne de animais mortos em seu corpo transformar-se-á em seu próprio túmulo. Pois em verdade vos digo, quem mata, mata a si e quem come a carne de animais mortos come o corpo da morte. Pois no seu sangue cada gota do sangue deles se converte em peçonha; no seu hálito deles tresandarás; na sua carne ferverá a carne deles; em seus ossos os ossos deles alvejarão; em seus intestinos os intestinos deles apodrecerão; em seus olhos os olhos deles se escamarão; em seus ouvidos os ouvidos deles se encherão de cera. E a morte deles será a sua morte. Pois somente no serviço de vosso Pai Celestial são as vossas dívidas de sete anos perdoadas em sete dias. Satanás, contudo, nada vos perdoa e tereis de pagar-lhe tudo. Olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé; queimadura por queimadura, ferida por ferida; vida por vida, morte por morte. Pois o salário do pecado é a morte. Não mateis, nem comais a carne de vossa presa inocente, para não vos tornardes escravos de Satanás. Pois esse é o caminho dos sofrimentos, que conduz à morte. Fazei, porém, a vontade de Deus, para que os seus anjos vos sirvam no caminho da vida. Obedecei, portanto, às palavras de Deus: Vede, dei-vos todas as ervas que produzem semente e que estão sobre a face da terra, e todas as

árvores, em que está o fruto de uma árvore que dá semente; e para vós servirá de carne. E a todos os animais da terra, a todos os pássaros do ar, e a tudo o que rasteja sobre a terra e em que há um sopro de vida, dou todas as ervas verdes para servirem de alimento. E o leite de todas as coisas que se movem e vivem sobre a terra será alimento para vós; e assim como lhes dei as ervas verdes, assim vos darei o leite. Mas, não comereis a carne, nem o sangue que a vivifica. Pedirei contas, por certo do vosso sangue que esguicha, o sangue em que está a vossa alma; pedirei contas de todos os animais assassinados, e das almas de todos os homens assassinados. Pois eu, o Senhor teu Deus, Deus forte e zeloso, visito a iniquidade dos pais que recai sobre os filhos até a terceira ou quarta geração dos que me odeiam; e mostro misericórdia a milhares dos que me amam e guardam os meus mandamentos. Ama o Senhor teu Deus com todo o teu coração, com toda a tua alma e com toda a tua força: este é o primeiro e o maior dos mandamentos. E o segundo é parecido com ele: Ama a teu próximo como a ti mesmo. Nenhum outro mandamento é maior do que estes.'

E depois dessas palavras todos se quedaram em silêncio, com exceção de um deles que perguntou, a brados: 'Que devo fazer, Mestre, se eu vir um animal feroz despedaçar meu irmão na floresta? Deixarei meu irmão perecer, ou matarei o animal feroz? Não estarei assim transgredindo a lei?'

E Jesus respondeu: 'Foi dito outrora: todos os animais que se movem sobre a terra, todos os peixes do mar e todas as aves do ar são entregues ao teu poder. Em verdade vos digo, de todas as criaturas que vivem sobre a terra, Deus criou apenas o homem à sua imagem. Por conseguinte, os animais para o homem, e não o homem para os animais, Não estarás transgredindo a lei se matares um animal feroz para salvar a vida de teu irmão. Pois em verdade vos digo, o homem é mais que o animal. Mas quem mata um animal sem motivo, embora o animal não tenha atacado, apenas por desejo de matar, ou por sua carne, ou por sua pele, ou mesmo por suas presas, estará praticando um malfeito, pois ele mesmo se terá convertido em animal feroz. Por isso mesmo o seu fim será igual ao fim dos animais ferozes.'

Depois disse outro: 'Moisés, o maior em Israel, permitiu que nossos antepassados comessem a carne de animais limpos, e só proibiu a carne dos animais impuros. Em vista disso, por que nos proíbes a carne de todos os animais? Qual das leis vem de Deus? A de Moisés ou a tua?'

E Jesus respondeu: ‘Deus deu, por intermédio de Moisés, dez mandamentos aos vossos antepassados. Esses mandamentos são duros, disseram vossos antepassados, e não puderam guardá-los. Quando Moisés percebeu, teve compaixão de seu povo e não quis que ele percesse. [...] Por isso, quebrou Moisés as duas tábuas de pedra em que estavam escritos os dez mandamentos e deu ao povo dez vezes dez em lugar deles.

Jesus continuou: ‘Deus ordenou aos vossos maiores: Não Matarás.’ Mas eles tinham o coração endurecido e mataram. Moisés desejou então que eles, pelo menos, não matassem homens, e permitiu-lhes matarem animais. E o coração dos vossos maiores endureceu-se ainda mais, e eles mataram homens e animais igualmente. Mas eu vos digo: Não mateis nem homens, nem animais, nem o alimento que vai para a vossa boca. Pois, se comerdes comida viva, a mesma vos vivificará, mas se matardes a vossa comida, a comida morta vos matará também. Pois a vida vem da vida, e da morte só vem a morte. Tudo que mata o vosso alimento mata-vos o corpo também. E tudo que mata o vosso corpo mata a vossa alma. E vosso corpo torna-se o que são os vossos alimentos, como o vosso espírito se torna o que são os vossos pensamentos.⁸

O *Evangelho Essênio da Paz*, embora não tenha sido adotado pela Igreja Católica Apostólica Romana, permanece guardado na biblioteca do Vaticano. É um testemunho de que já naquela época a defesa do meio ambiente e dos animais fazia parte das regras morais. Na introdução do livro, Edmond Szekely explica que a existência das duas versões desse evangelho se devem aos padres nestorianos, que sob a pressão das hordas de Genghis Khan, viram-se obrigados a fugir do Oriente para o Ocidente, levando consigo todas as antigas escrituras e todos os ícones.

Os antigos textos aramaicos datam do século III d.C., ao passo que a velha versão eslovena é uma tradução desses textos. Os arqueólogos ainda não foram capazes de reconstruir o modo exato com que os textos saíram da Palestina e foram parar nas mãos dos padres nestorianos, no interior da Ásia.⁹

7. O animal no islamismo

Por volta dos anos de 500, o islamismo, baseado no livro sagrado Alcorão ditado por Mohammed Maomé, também falava da proteção ao animal. Contam os árabes que o Arcanjo Gabriel apareceu para Maomé em sonhos e lhe comunicou que ele era um enviado de Deus. Ele passou a viver em meditação e oração, e convenceu-se de que era mesmo um predestinado para trazer justiça aos homens. Maomé passou a receber revelações que eram chamadas em árabe de recitações, ou *quram*. No conjunto, foram chamados *Al Quran* e daí o nome de Alcorão ou Corão. Compreende um total de 114 surates, com 6262 versículos. O Corão tornou-se o ponto de referência comum do pensamento islâmico. Dele constam os seguintes preceitos em defesa dos animais:

O grande Profeta Muhammed foi indagado por seus companheiros se a gentileza para com os animais seria recompensada na vida posterior. Ele respondeu: Sim, há uma meritória recompensa pela gentileza para com toda criatura viva (Bukari).”

Status do animal — Alcorão, 6:38: ‘Não há um animal na terra, ou um pássaro que voa com suas asas — mas eles são comunidades como você.’

Santidade da vida — Alcorão 6: 152 e 17:3: (Al-Tormidhi e Al-Nasai) — O Santo Profeta disse: aquele que mata mesmo um pardal ou um ser menor sem uma razão justificável será responsável para Alá: ‘quando lhe perguntaram o que seria uma razão justificável, ele respondeu: ‘abater para — alimento — não matar e descartar o cadáver.’

Tratamento geral — ‘O Santo Profeta disse a uma prostituta que, em um dia de verão quente, viu um cão sedento rondando em torno de um poço de água, com a língua de fora. Ela abaixou, pegou água do poço e deu de beber ao cão. Alá perdoou todos os seus pecados por este único ato de caridade (Muslim).’

‘O Santo profeta narrou a visão na qual ele viu uma mulher sendo castigada depois da morte porque confinou um gato durante sua vida

na Terra sem dar-lhe alimento e água, ou sequer deixá-lo livre para sair em busca de alimento (Muslim)'

Injúria física — 'O Santo Profeta proibiu o espancamento de animais, bem como marcá-los com ferro. Certa vez ele viu um cavalo marcado em sua face, e disse: Possa Alá condenar aquele que marcou o animal.'

Bestas de carga — 'O Santo Profeta passou por um camelo que estava tão macilento que suas costas quase se encontravam com o ventre, e disse: Tema a Deus neste animal — monte-o em boa saúde e livre-o do trabalho enquanto não estiver em boa saúde (Abu Dawud).'

Cativeiro — 'O santo Profeta disse: É um grande pecado para o homem aprisionar os animais que estão em seu poder.'

Visissecção — 'Há muitas leis islâmicas proibindo experimentos (Al muthla) em um animal vivo. Ibn Umar contou que o santo profeta condenou aqueles que mutilassem qualquer parte do corpo de um animal enquanto vivo (Almad e outras autoridades).¹⁰

8. A alma animal e o espiritismo

Embora a tentativa de se comunicar com os mortos date da antigüidade, foi Allan Kardec quem formulou os princípios essenciais da doutrina espírita científica. Seu nome de nascimento e Leon Hippolyte Denizar Rivail, nascido em Lyon, em 1804, possuidor de vasta cultura, foi professor e pedagogo. Ele se tornou chefe doutrinário de uma ciência ditada pelos espíritos, e cujos ensinamentos ele publicou em 1857, no "Livro dos Espíritos", que assinou com o nome de Allan Kardec. Escreveu outros livros, como o "Livro dos Médiuns" e "Evangelho segundo o Espiritismo".

O espiritismo acredita na lei do Karma e na evolução gradativa do espírito. Ele é definido em seu evangelho como "uma ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo."¹¹ Segundo Kardec o espiritismo

nos oferece a possibilidade de nos comunicar com os mortos, que através dos médiuns, transmitem conhecimento aos vivos.

No livro dos espíritos Kardec diz que existem três reinos: dos minerais, das plantas, dos animais e dos homens. Ele confirma que os animais, além de instintos possuem inteligência da vida material e linguagem própria. Kardec afirma que o animal sobrevive ao corpo, embora sua alma seja diferente da alma do homem, conservando sua individualidade, mas sem consciência de si mesma. Morto o animal, sua alma fica numa espécie de erraticidade, é então classificado por forças das coisas e é por isso que para ele não existe expiação (não está sujeito à lei do Karma). Para Kardec, contudo, o espírito não retroage e o homem não poderia se reencarnar em um corpo de animal.¹²

Vasta é a literatura descrevendo os poderes telepáticos e premonitórios dos animais e a sua aparição depois de mortos. Em seu livro *Os animais tem alma?* Ernesto Bozzano relata 130 casos, extraídos de revistas e livros científicos de estudos metafísicos e psíquicos de materializações de animais, visão post-mortem, alucinações telepáticas percebidas coletivamente pelo animal e pelo homem, inúmeras aparições de animais sob forma simbólica e premonitória, e fenômenos supranormais com animais.

Nos fenômenos telepáticos os animais não aparecem apenas representando o papel de percipientes, mas, também, de agentes. Isto nos leva a concluir pela existência de uma subconsciência animal, depositária das mesmas faculdades supranormais da subconsciência humana.

As aparições de formas de animais são, geralmente, identificadas com as de animais que viveram e morreram na localidade, e muitas vezes, os percipientes ignoravam que esses animais, vistos nessas ocasiões, tivessem existido.

Conclui Bozzano que a vida tal como ela se manifesta em um animal não é senão a expressão exterior de um espírito que está ali encarnado em potência, e idêntico em essência ao espírito que se manifesta nas mais inferiores raças humanas, passadas ou contemporâneas, bem como nas mais civilizadas raças atuais.

São vários os livros que relatam aparições de animais em sessões espíritas em que seus donos estavam presentes, ou aparecem em companhia do dono também morto. Fala-se, ainda, da aparição da alma de animais em fotos. Muitos videntes descrevem visões que tiveram no plano espiritual para onde os animais vão depois de desencarnar. Em visões, conseguidas em desdobramentos (saída do corpo físico), os animais domésticos são vistos no campo (vacas, bois, ovelhas, cavalos, burros, tigres, leões, onças, girafas, dromedários, camelos, e pássaros) vivendo em paz e harmonia não só entre si, mas com outras entidades espirituais.

Ora, se a visão de almas humanas constitui uma boa demonstração em favor da sobrevivência humana só pode constituir, também, uma boa demonstração relativamente à sobrevivência animal.

Em seu livro “A Gênese” no capítulo “Destruição dos seres vivos uns pelos outros” Kardec afirma:

esta luta se trava para uma satisfação material imperiosa - a nutrição. No homem, a necessidade material e o sentimento moral se contrabalançam, e ele então, luta não para se nutrir, mas para satisfação de seu orgulho, sua ambição e necessidade de dominar e, então, destrói. Mas, quando o senso moral predomina ele perde a necessidade de destruir e o homem passa a viver uma luta apenas intelectual, contra as dificuldades e não mais contra os outros seres.¹³

REFERÊNCIAS

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Lisboa: Livros do Brasil, s/ d. Apud Soffiati Arthur. As religiões da crise ambiental da atualidade. Datil. Inédito. Esta versão foi publicada em Pinski Jaime. 100 textos de história Antiga. São Paulo: Hucitac, 1971.

Fragments do Alcorão selecionados por Al-Hafiz B. A-Masri. The (Sunni) ex-Iman-Sha Jehan Mosque, Woking, Surrey, England. Datil, inédito.

JAIN, J.C. *Jainismo. Vida e obra de Mahavira Vardhama*. São Paulo: Palas Athena, 1982.

KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Livraria Allan Kardec Editora. São Paulo, pg 3.

MOLINERO, (Yogakrishnanda). *Terralogia, ecologia mágica*. Mandala - livreiros/editores importadores. Ltda. São Paulo, sem data, p. 11.

SING, Chiang. *Mistérios e magias do Tibet*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, p. 169 e 170.

SZEKELY, Edmond Bordeaux. *O evangelho essênio da paz*. São Paulo: Pensamento, 1981, p. 40-43, excertos do prefácio.

TEXTOS budistas e zen-budistas. São Paulo: Cultrix, 1967.

NOTAS

¹ (Excertos do livro “Tutela jurídica dos animais”, de Edna Cardozo Dias. Mandamentos. Belo Horizonte: 2000).

² ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. Lisboa: Livros do Brasil, s/ d.

³ Apud Soffiati Arthur. As religiões da crise ambiental da atualidade. Datil. Inédito. Esta versão foi publicada em Pinski Jaime. 100 textos de história Antiga. São Paulo: Hucitac, 1971.

⁴ MOLINERO, (Yogakrishnanda). *Terralogia, ecologia mágica*. Mandala - livreiros/editores importadores. Ltda. São Paulo, sem data, pg. 11.

⁵ JAIN, J.C. *Jainismo*. Vida e obra de Mahavira Vardhama. São Paulo: Palas Athena, 1982.

⁶ SING, Chiang. *Mistérios e magias do Tibet*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, p. 169 e 170.

⁷ TEXTOS budistas e zen-budistas. São Paulo: Cultrix, 1967.

⁸ SZEKELY, Edmond Bordeaux. *O evangelho essênio da paz*. São Paulo: Pensamento, 1981, p.40-43, excertos do prefácio.

⁹ SZEKELY, Edmond Bordeaux. *Op. cit.*, p 13.

- ¹⁰ Fragmentos do Alcorão selecionados por Al-Hafiz B. A-Masri. The (Sunni) ex-Iman-Sha Jehan Mosque, Woking, Surrey, England. Datil, inédito.
- ¹¹ KARDEK, Allan. O evangelho segundo o espiritismo. Livraria Allan Kardec Editora. São Paulo, p 3.
- ¹² KARDEC. Allan, op., cit, p. 255 a 264.
- ¹³ KARDEC, Allan. Op. Cit. p. 67 e 68.